

## O PAÍS

ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

## ELEIÇÕES BRASIL

Serra apóia idéia de renovação do acordo. *Ciro diz que aceita negociar com FMI dentro de limites, mas Lula e Garotinho só querem conversar depois das eleições*

## Um pacto difícil

Candidatos de oposição dizem que não assinariam agora carta de intenções com FMI

Jornal da Cidade/18-07-2002

Fernando Maia/16-07-2002

Ricardo Galhardo, Catia Seabra \*,  
Maia Menezes e Maria Tereza Boccardi

SÃO PAULO, MANAUS, RIO e CURITIBA

A proposta do governo de negociação de um acordo de transição com o Fundo Monetário Internacional (FMI), incluindo a assinatura por todos os candidatos à Presidência de uma carta de intenções na qual se comprometeriam com a manutenção das metas de inflação e de superávit primário até setembro, foi recebida com cautela pela oposição e com aplausos pelo candidato do PSDB, José Serra. Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Anthony Garotinho (PSB) disseram que é cedo para fechar acordo com o Fundo e que preferem negociar depois da eleição. *Ciro Gomes, da Frente Trabalhista, disse que está disposto a conversar, mas não quer se comprometer com a manutenção de uma política econômica que considera equivocada.*

Apesar de o PT estar conversando com o governo e com investidores estrangeiros, Lula rechaçou a possibilidade de assinar um acordo de intenções com o FMI. Segundo ele, seria "sentar na cadeira antes da hora", numa referência à eleição para a Prefeitura de São Paulo em 1985, quando o candidato Fernando Henrique sentou-se na cadeira do prefeito Mário Covas enquanto liderava as pesquisas e acabou perdendo a eleição para Jânio Quadros.

— Até 31 de dezembro de 2002, à meia-noite, o presidente é Fernando Henrique Cardoso. Até lá, o que tiver que assinar ou não assinar é responsabilidade dele. Não posso discutir o governo dele até porque ele nunca me chamou. Não vou ficar sentando na cadeira como ele se sentou e depois perdeu a eleição para Jânio Quadros — disse Lula.

O candidato disse que só aceita discutir possíveis acordos após a eleição, se for eleito.

— Ainda não ganhei nada. Somente depois de ganhar a eleição é que estaremos propensos a discutir nosso governo. Mesmo porque o FMI nunca me chamou para negociar. Não dá para fazer política na base da suposição — disse o petista.

Economistas ligados a Lula, como Guido Mantega, seu principal assessor econômico, já se mostraram contrários à renovação de acordos com o FMI, a não ser em caso de emergência.

## Ciro se diz disposto a dar colaboração

• Segundo colocado nas pesquisas de intenção de voto, o candidato da Frente Trabalhista disse que aceita conversar com o FMI, mas que não assinará nenhum acordo que prorogue o que ele chama de "política econômica equivocada". *Ciro deixou claro que está disposto a colaborar com a transição, mas que não pretende assumir, desde já, compromissos que perpetuem a atual política econômica. **Ciro recusou-se a dizer se assinaria ou não uma carta de intenções, argumentando que não há qualquer informação formal de que exista um acordo de transição com o FMI e, por isso, não falaria sobre hipóteses. **Ciro disse que pretende contribuir, mas "dentro de seus limites".*****

— Estou disposto a colaborar. Mas não estou disposto a apoiar acordo que projete para o futuro políticas econômicas com as quais não concordo — avisou ele, apontando o controle da inflação através da fixação de metas como um dos pontos de divergência com o atual modelo.

Embora tenha ressaltado o interesse de conversar, *Ciro argumentou ainda que é o governo que tem poder institucional para tentar conter o nervosismo do mercado, dando sinais de que põe em dúvida a eficácia de ações como essa.*

— O papel do governo é o de governar. O da oposição é acompa-



*"Ainda não ganhei nada. Somente depois de ganhar é que estaremos propensos a discutir. Mesmo porque o FMI nunca me chamou para negociar"*

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Roberto Stuckert Filho/17-07-2002



*"Acho positivo assinar uma extensão do acordo do Brasil com o FMI. Não traz maiores constrangimentos e é um elemento de segurança econômica"*

JOSÉ SERRA



*"Estou disposto a colaborar. Mas não estou disposto a apoiar acordo que projete para o futuro políticas econômicas com as quais não concordo"*

CIRO GOMES

Marcelo Sant'Anna/17-07-2002



*"Não assumirei nenhum compromisso sem ler. Quero ver concretamente o que é. Esse acordo pode ser uma escritura de óbito para o Brasil"*

ANTHONY GAROTINHO

## PALAVRA DE ESPECIALISTA

## ‘É preciso desmistificar o FMI’

• Carlos Thadeu de Freitas, professor do Instituto Brasileiro do Mercado de Capitais (Ibmec) e ex-diretor do Banco Central, diz que os candidatos à Presidência não deverão ter outra alternativa a não ser assinar um acordo de transição com o FMI, que deverá ser provisório.

Para ele, o acordo não atará as mãos do novo presidente, apenas consolidará o ambiente macroeconômico do país e manterá a atual cota de sacrifício (necessidade de se manter o superávit primário e as metas de inflação) ditada pelo órgão.

— O compromisso será provisório, então não vejo problema em os candidatos aceitarem negociar. Dadas as condições adversas da economia mundial,

qualquer um que for eleito vai querer governar com uma situação tranquila — disse Carlos Thadeu.

Para o ex-diretor do Banco Central, os candidatos deveriam desmistificar o FMI e aceitar as políticas econômicas recomendadas pelo órgão. Isso daria tranquilidade ao mercado, estimularia os investimentos externos no país e resolveria o problema da entrada de dólares.

— Os candidatos precisam desmistificar o FMI. A chancela do órgão será boa para todo mundo. Ela dará credibilidade ao país e poderá atrair investimentos externos. O acordo será com uma política econômica saudável, avalizada pelo órgão — disse o ex-diretor do Banco Central.

nhar o governo com posição crítica. A oposição é impotente para administrar — disse.

Na véspera, tanto num discurso para empresários da Zona Franca como num showmício na zona leste de Manaus, *Ciro condenou os que "rezam segundo a cartilha do FMI".*

— Nenhum governo que seja bom

moço da cartilha do FMI vai fazer uma reforma tributária no auge da arrecadação — disse.

O candidato do PSB à Presidência da República, Anthony Garotinho, afirmou que não vê motivos para assinar a carta de intenções com o FMI antes das eleições. Ele afirmou que, caso seja eleito, aceita conversar, mas apenas depois

de tomar conhecimento, com detalhes, do documento que seria enviado ao Fundo.

— Não quero assumir nenhum tipo de compromisso sem antes ler o que está ali. Quero ver concretamente como são essas teses muito abstratas de que eles estão falando. Quero ver concretamente o que é. Esse acordo pode ser uma escritura

## OPINIÃO

## MODELO COREANO

• OS CANDIDATOS Luiz Inácio Lula da Silva, *Ciro Gomes* e *Anthony Garotinho* rejeitam qualquer acordo de transição com o Fundo Monetário. Mas se a situação assim o exigir e tiverem de mudar de idéia, devem saber que o FMI tem experiência no assunto.

O CASO mais difícil enfrentado pelo Fundo nos últimos tempos foi, no final de 1997, o da Coreia do Sul. Em plena eleição, o país estava sem reservas externas. No momento da contagem dos votos se encontrava quebrado. Para complicar o quadro, havia a possibilidade de Kim Dae Jung, candidato populista, conquistar a presidência da República.

ELE DE fato venceu as eleições, mas, ao aceitar as condições apresentadas pelo FMI, o país foi socorrido e hoje cresce a taxas razoáveis.

de óbito para o Brasil. Depois de ler, só assino depois de eleito, claro, durante o período de transição até a posse. Assinar antes para quê? Não vou fazer nada que signifique mais sacrifício para o povo brasileiro — disse o governador, durante o lançamento da campanha de arrecadação de fundos através de bônus de R\$ 1, na Baixada Fluminense.

## Serra: acordo dará mais segurança

• O candidato do PSDB, José Serra, disse em Curitiba que assinará o acordo de transição com o FMI. Segundo ele, isso não trará nenhum constrangimento e nem restrições à economia brasileira. Embora tenha alegado desconhecer oficialmente, exceto por leituras de jornais, o teor do acordo a ser proposto aos candidatos, Serra considerou a proposta positiva porque poderá dar maior segurança econômica para o futuro do país.

— Até para acalmar nervosismos, expectativas infundadas, mas que existem — afirmou Serra.

O candidato tucano afirmou que os termos propostos para o acordo — manutenção das metas de inflação de 4% e de superávit primário de 3,75% para 2003 — não representam sacrifício para a economia do país.

— Pelo contrário, a estabilidade da inflação e a manutenção do superávit significam mais segurança — disse Serra.

Sem citar nomes, o candidato tucano disse também que seria "inclusivo bom que outros candidatos que apresentam visões alarmistas sobre o Brasil possam apoiar", mesmo que contrários.

— Isso é algo positivo. Mesmo que eles não pensem daquele jeito, ou que até agora tenham falado o contrário, é positivo que passem a aderir às teses que nós estamos defendendo há muito tempo a respeito da necessidade de se proporcionar aos investidores mais segurança econômica com relação ao nosso futuro — disse Serra.

Ele considerou ainda que a manutenção da atual política econômica junto ao FMI também é importante para as pessoas porque isto vai "significar investimento, que representa oportunidade de trabalho". ■

(\*) Enviada especial

• PT NÃO TEM ESPECIALISTAS EM MERCADO, DIZ DIRCEU na página 4